



v13n26
Julho-Dezembro de 2016
ISSN: 1984-9206

A INFLUÊNCIA DO CETICISMO NA CRIAÇÃO DO MÉTODO CARTESIANO [THE INFLUENCE OF SKEPTICISM IN THE CREATION OF THE CARTESIAN METHOD]

Angela Gonçalves

Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Brasil.

E-mail: angelagoncalvesjolie@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem a finalidade de mostrar a influência da filosofia cética. Explica a defesa de uma ciência com fundamentos sólidos e seguros feita por Descartes, e a utilização do método da dúvida hiperbólica (erro dos sentidos) para chegar às verdades claras e distintas. Mostra como Descartes coloca em dúvida conhecimentos indubitáveis (matemática) através da dúvida metafísica (Deus Enganador).

ABSTRACT

This article intends to show the influence the sceptical philosophy in the cartesian's philosophy. It explains the defense science with compact fundamentals by Descartes, and the utilitation of hyperbolic doubt's methods (the sense's mistake) for arriving to the clears and distincts truths. It shows how Descartes puts in doubt the assureds knowledges (mathematics) by of the methaphysics doubt (bluffer God).

PALAVRAS-CHAVE

Ceticismo; Fundamentos; Dúvida; Método; Claras e distintas

KEYWORDS

Skepticism; Fundaments; Doubt; Méthods; Clears and Distincts

1 A Influência da Filosofia Cética

No século XV e ao longo do século XVI, houve grande influência das obras dos céticos da Antiguidade grega. Descartes estava inserido neste contexto, mas jamais se considerou um cético. Entretanto, desenvolveu um método inspirado na radicalização, no rigor dos argumentos céticos para fundamentar a sua ciência.

O autor se inspirou nos céticos para criar um método (a dúvida hiperbólica). Seu propósito era de usar a estratégia dos céticos para refutar o ceticismo. É inegável que a filosofia cartesiana remete indiretamente às questões céticas tradicionais

O ceticismo pirrônico teve origem na Grécia antiga. Foram estes textos que tiveram uma contribuição para o surgimento do pensamento cético no início da filosofia moderna, em especial nos escritos de Montaigne (1533-1592).

Segundo Sexto Empírico, “o Ceticismo é faculdade de opor as coisas que aparecem e os conceitos de todos os modos possíveis e disto se chega, por causa da força igual das coisas e das razões opostas, à suspensão do juízo, e assim, à ataraxia (paz de espírito)”. (EMPÍRICO, 1948, p. 116). Ainda, “o princípio e a causa do Ceticismo são, segundo nós, o desejo da ataraxia”. (EMPÍRICO, 1948, p. 117). Ademais, Sexto Empírico diz que “a finalidade do cético é a ataraxia em questões de opiniões e a moderação quanto ao necessário”. (EMPÍRICO, 1948, p. 14-17).

Depreende-se do supracitado que o ceticismo de Sexto Empírico preconiza a suspensão do juízo e a ataraxia (tranquilidade). O ceticismo pirrônico (Pirro de Élis), do qual Sexto Empírico foi influenciado, é um ceticismo que dá ênfase à suspensão do juízo.

O século XVI foi marcado por uma série de conflitos: acerca do critério do conhecimento religioso entre a Igreja e os líderes da Reforma, a filosofia “aristotélico-tomista que tinha como critério de verdade o mundo sensível e o século seguinte se firma como uma época de revoluções científicas. Em consequência disso, esse período foi de crises, porque foi uma época de indefinições, de transição, de conflitos e de mudanças. As dúvidas religiosas desencadearam uma infinidade de tendências, oportunizando o surgimento de seitas e de igrejas com a constatação de que a referência à ideia de cristandade se perdera. É mister também o registro de tensão política com a perda de centro político (Sacro Império Romano). Todas as descobertas dessa época obrigaram os sábios a abandonar o sistema aristotélico, tendo em vista o abismo entre a cosmologia do filósofo grego e as novas descobertas que eram trazidas à tona. Vê-se uma separação

entre ciência e filosofia em consequência de uma “insuficiência sistemática da filosofia aristotélica e dos fundamentos que ela propunha” (SILVA, 1994, p. 23).

“A Reforma, o Humanismo Renascentista, as revoluções científicas e o ataque do ceticismo tinham feito ruir os velhos fundamentos que costumavam sustentar toda a estrutura das realizações intelectuais humanas” (POPKIN, 2000, p. 277). O que se quer dizer com o “ataque do ceticismo” é que desde a Grécia antiga (com o movimento pirrônico), que se traduziu nos textos de Sexto Empírico, o ceticismo vem acompanhando os diversos sistemas filosóficos de cada época. Sendo assim, o ceticismo pirrônico contesta todas as doutrinas filosóficas por não terem certeza de nada, somente probabilidades, instabilidades ou consensos. Não se tem um critério de verdade e tudo é instável. Os questionamentos dos céticos inicialmente são voltados contra a concepção aristotélica da ciência (período medieval). Logo após, com as descobertas científicas (séculos XVI e XVII), instaura-se um conflito entre a ciência antiga e a de Copérnico. Duas perguntas são necessárias: Qual é a verdadeira ciência então? Quais são os critérios da verdade?

O resultado dessas crises e indefinições foi o ceticismo filosófico, cujos maiores expoentes foram Montaigne e Erasmo.

Montaigne chegou a dizer que o conhecimento filosófico não trouxe nenhuma vantagem para os filósofos, acrescentando que o “mal do homem está em pensar que sabe”. Por outro lado, ele reconhece que a ignorância é o meio pelo qual alcançamos a tranquilidade da alma. (SMITH, 2000, p. 55). Montaigne propõe a suspensão do juízo, porquanto não é possível encontrar um critério para determinar racionalmente o conhecimento.

A rejeição da ciência aristotélica por parte dos céticos modernos influenciou profundamente a filosofia cartesiana. Descartes, então, se propõe a criar uma nova ciência baseada em fundamentos mais sólidos.

2 Dúvida Hiperbólica

Descartes defende uma ciência com fundamentos sólidos calcados sobre o racionalismo. Para chegar às verdades claras e distintas, cria o método da dúvida hiperbólica. Num primeiro momento, Descartes utiliza-se do ceticismo para suspender o juízo em relação ao conhecimento. É um recurso, um método. Como os sentidos são a fonte mais natural e imediata do conhecimento, eles serão primeiramente analisados por Descartes.

Daí vem a ideia de libertar o espírito do erro e da multiplicidade de opiniões. Na opinião de Alquié, torna-se necessário romper com toda a ciência do

GONÇALVES, Angela. A influência do ceticismo... p. 45-53.



provável, diz o autor:

É preciso romper com toda a ciência do provável: ciência do tipo medieval, que tudo permanece em discussão. É preciso fundar uma ciência do certo a partir do modelo da matemática e para isso, rejeitar tudo o que não é certo, até que seja descoberta uma primeira e fundamental evidência. E, desse modo, tornar-se-á possível um pensamento unificado (ALQUIÉ, 1969, p. 64).

Aparece aqui uma condição de possibilidade para a pesquisa da verdade: princípios isentos de qualquer dúvida.

A dúvida hiperbólica não abarca somente os conhecimentos adquiridos do passado e do presente, mas invalida a esfera do sensível, o conhecimento matemático, a existência em geral. A dúvida é um meio para alcançar um conhecimento claro, verdadeiro, por isso que a dúvida de Descartes desemboca sempre numa certeza, mesmo que seja uma certeza negativa, como é o caso da constatação de que nada há de certo, suspendendo o juízo.

Pode-se questionar se a dúvida hiperbólica é um artifício metodológico e também se é efetiva ou passageira. A dúvida hiperbólica é um processo, e mesmo sendo um artifício metodológico intelectual é reflexiva, pois o tempo todo ela exige reflexão, porque exige da razão o porquê, ou seja, a busca dos porquês. É uma dúvida efetiva, prolongada; é um estado de espírito constante nesta busca para chegar à verdade. Ela exige crítica permanente, é um processo para se chegar à afirmação. Tem um caráter de interrupção, pois interrompe algo estabelecido, algo definido e já pronto. A dúvida tem um movimento dialético no sentido de que não é algo estático, mas a busca constante de fundamentos sólidos, verdadeiros e tem as suas próprias razões para duvidar. A razão só duvida se existem “razões plausíveis de duvidar” (LANDIM FILHO, 1992, p. 107). A dúvida cartesiana tem como objetivo buscar os primeiros princípios. Como a questão é radical, no sentido de que se busca uma ciência verdadeira e apenas o que é claro e evidente, não existe alternativa senão uma dúvida radical. Radical porque coloca em dúvida não apenas o duvidoso, mas o que é indubitável também. Não será colocado em dúvida apenas o conhecimento sensível, mas o conhecimento indubitável (as matemáticas). Por isso, dúvida hiperbólica, uma vez que atinge toda a área do conhecimento e a existência do mundo.

3 O Erro dos Sentidos

48

O critério para a aceitabilidade de crenças e opiniões na Primeira Meditação tem um único objetivo: a certeza. A suspensão advém do caráter duvidoso de algo. Os sentidos, como são a fonte mais imediata do conhecimento, serão

GONÇALVES, Angela. A influência do ceticismo... p. 45-53.



analisados primeiramente por Descartes. Na Primeira Meditação, ele submete os sentidos ao ataque da dúvida hiperbólica, colocando em causa, logo de início, a existência do mundo exterior. Colocar em dúvida as opiniões significa duvidar dessas em sua relação com os sentidos. Todo saber antigo (verdadeiro e seguro) estava fundamentado neles.

Descartes inicia sua investigação sobre os sentidos, com uma condição favorável à confiabilidade deles: o estar sentado junto ao fogo, com um pedaço de papel nas mãos. É um exemplo fidedigno da eficácia dos sentidos, pois se esse não funcionar para ter-se conhecimento através deles, nenhuma outra via funcionará. Mas o autor descobre que ele não é capaz de saber se está mesmo sentado junto ao fogo com o papel nas mãos e introduz o argumento do sonho:

Todavia, eu recebi e admiti acima várias coisas como muito certas e muito manifestas, às quais, entretanto, reconheci depois serem duvidosas e incertas. Quais eram então essas coisas? Eram a terra, o céu, os astros, e todas as outras coisas que eu percebia por intermédio dos meus sentidos¹. (DESCARTES, 1953, p. 284-285)

Aqui o autor julga que, mesmo naquela situação em que está sentado junto ao fogo com aquele papel nas mãos, não pode excluir que esteja sonhando. Ele enfatiza que o sonho pode abrir uma possibilidade de assemelhar-se a qualquer experiência que possamos ter enquanto acordados. Como não podemos distinguir de maneira precisa o sonho da vigília, não podemos distinguir a percepção sensível real das coisas da sua percepção ilusória. Isso é suficiente para provar que o conhecimento que obtemos dos sentidos não é indubitável, ou seja, ele não satisfaz o critério proposto pela dúvida hiperbólica.

Qual é então o objetivo da dúvida dos sentidos?

Descartes quer se desfazer das crenças e opiniões que recebera, pois essas estavam fundamentadas nos sentidos, mas os sentidos são enganosos. Para ter certezas e verdades claras e distintas é necessário um conhecimento indubitável, algo que os sentidos não podem nos dar. Aqui se percebe uma grande diferença entre o método cartesiano e o ceticismo pirrônico, pois os cétricos pirrônicos sustentavam que aquilo que os sentidos nos oferecem não pode ser negado: Aqueles que afirmam que os cétricos negam as aparências parecem não entender o que nós dizemos. Nós não questionamos as impressões que recebe passivamente a representação e que nos levam ao assentimento involuntário [...]. Cada vez que buscamos saber se o objeto é tal como nos aparece, estamos

¹ "Toutefois j'ai reçu et admis ci-devant plusieurs choses comme très certaines et très manifestes, lesquelles néanmoins j'ai reconnu par après être douteuses et incertaines. Quelles étaient donc ces choses-là? C'était la terre, le ciel, les astres, et toutes les autres choses que j'apercevais par l'entremise de mes sens."



de acordo com a aparência, não colocamos em questão a aparência em si. (HIPOTIPOSES, livro I, cap. x, p. 162.)

O cético pirrônico aceita as informações dos sentidos como elas nos aparecem. O que ele põe em dúvida é a existência de uma essência por trás da aparência. Descartes, por sua vez, busca esta essência, busca aquilo que não é transitório e dubitável, busca as verdades claras e distintas.

Nesta busca, ele cria uma dúvida que é tipicamente cartesiana: a dúvida metafísica.

4 Dúvida Metafísica

Descartes inventa um expediente para colocar tudo em dúvida, inclusive aquilo que não obtemos pelos sentidos, o conhecimento matemático: O Deus Enganador.

Nas *Meditações*, para atacar a intuição intelectual, quer dizer, as coisas simples e universais (mesmo que não podemos recusar a autenticidade desse juízo), para desestabilizá-lo, e até para colocar em dúvida as certezas matemáticas, Descartes apresenta o argumento do Deus Enganador ou o Gênio Maligno. Segundo Frankfurt: “de um lado, tal argumento coloca em dúvida a existência do mundo material e, com ela, a realidade das coisas simples e universais que são características desse mundo material; de outro, ele questiona a confiança depositada nas matemáticas”². (FRANKFURT, 1989, p. 99.)

Mesmo assim, como faz parte da dúvida (hiperbólica) e sistemática rejeitar tudo, inclusive a bondade de Deus, o autor apresenta dessa forma o primeiro argumento da dúvida das matemáticas: A do Deus Enganador.

Acredita-se que como Descartes está colocando tudo em dúvida, ele pretende se referir não só à existência e inclusive aos seus juízos, mas também às certezas matemáticas, as quais são evidenciadas no juízo ou no entendimento e também se tornam dubitáveis obviamente. É uma questão de necessidade admitir uma dúvida hiperbólica, metafísica contra uma certeza evidente. Dessa forma, ele põe em dúvida tanto o conhecimento a posteriori (conhecimento sensível) quanto o a priori (verdades matemáticas) para que o seu processo da dúvida convença até o cético mais arraigado:

Eu pensarei que o céu, o ar, a terra, as cores, as figuras, os sons e todas as coisas exteriores que nós vemos são ilusões e enganos de que ele se serve para surpreender minha credulidade. Considerar-me-ei a mim mesmo como privado de mãos, de olhos, de carne, de sangue,

2 “[...] d’un côté, tel argument met en doute l’existence du monde matériel et, avec elle, la réalité de choses simples et universelles qui sont caractéristiques de ce monde matériel; de l’autre, il questionne la confiance dans les mathématiques.”

com não tendo quaisquer sentidos, mas crendo falsamente de ter todas essas coisas³. (DESCARTES, 1953, p. 272)

Ainda a importância da dúvida, segundo Gueroult (1953, p. 39) é

O caráter voluntário e metódico desta ficção é colocado sob evidência por sua dupla qualidade de artifício resoluto e de um instrumento psicológico: tornando possível uma operação da vontade que deve se exercer em consequência do hábito e das tentações do provável, ela é um instrumento psicológico; figuração do princípio que ordena tratar o duvidoso como falso, [...]⁴.

Mediante o hábito das crenças adquiridas e à probabilidade das verdades, esse artifício trata da passagem do duvidoso para o absolutamente falso. É uma hipótese extrema com o objetivo de “contrabalançar a nossa tendência de crer que nossas opiniões são verdadeiras”. (PASCAL, 1990, p. 36). Ainda Franklin Leopoldo Silva diz que o meditador tem que “necessariamente se iludir quanto às representações matemáticas, uma vez que ele não pode recusar como verdadeiro o que aparece como claro e distinto” (Silva, 1994, p. 38).

Com o Deus enganador Descartes chega a um ceticismo radical, onde todo o conhecimento humano, sensível ou não, é posto em dúvida. Ao fazer isto Descartes chega a uma suspensão do juízo absoluta: não podemos ter certeza sobre coisa alguma. Mas esta suspensão absoluta do juízo precisa de um sujeito que a produza: eu posso duvidar de tudo, mas não posso duvidar que, enquanto eu duvido, eu existo. O cogito interrompe a corrosão total de nosso conhecimento causada pela dúvida hiperbólico, e neste momento o ceticismo é abandonado.

5 Conclusão

Acredita-se que o ceticismo pirrônico (traduzido nos textos de Sexto Empírico) corroborou dialeticamente para a concepção do método cartesiano e para seu sistema filosófico.

Por um lado, teorias filosóficas (sistema aristotélico) desmoronando com as novas descobertas científicas como a descoberta da infinitude do universo, a contestação do geocentrismo, instaurou um conflito entre a ciência antiga e a moderna. Crises e indefinições resultaram no ceticismo filosófico. Como resulta-

³ Je penserai que le ciel, l'air, la terre, les couleurs, les figures, les sons et toutes les choses extérieures que nous voyons, ne sont que des illusions et tromperies, dont il se sert pour surprendre ma crédulité. Je me considérerai moi même comme n'ayant point de mains, point d'yeux, point de chair, point de sang, comme n'ayant aucuns sens, mais croyant faussement avoir toutes ces choses.

⁴ Le caractère volontaire et méthodique de cette fiction est mis en relief par sa double qualité d'artifice résolutoire et d'instrument psychologique: rendant possible une opération de la volonté qui doit s'exercer à l'encontre des habitudes et des tentations du probable, elle est instrument psychologique; figuration du principe qui ordonne de traiter le douteux comme du faux, [...].



do do desafio cético, Descartes foi impulsionado a buscar novos alicerces para as ciências, e dessa forma se opôs ao ceticismo.

Por outro lado, o ceticismo emprestou a Descartes o método de uma dúvida generalizada e o princípio de suspender o juízo ao não se ter certeza sobre o conhecimento que se possui.



Referências

ALQUIÉ, Ferdinand. **A filosofia de Descartes**. 2. ed. Lisboa: Presença, 1969.

DESCARTES, René. **Méditations (Première méditation)**. Ouvres et lettres. Paris: Bibliothèque de La Pléiade, 1953.

DESCARTES, René. **Méditations (Méditation troisième)**. Ouvres et lettres. Paris: Bibliothèque de La Pléiade, 1953.

EMPIRICUS, Sextus. **Ouvres Choisis de Sextus Empiricus**. Paris, 1948.

FRANKFURT, Harry G. **Démons. Rêveurs et fous: la défense de la raison dans les méditations de Descartes**. Paris: Puf, 1989.

GUEROULT, Martial. **Descartes selon l'ordre des raisons: I L'Ame et Dieu**. Paris: Aubier-Montaigne, 1953.

LANDIM FILHO, Raul. **Evidência e verdade no sistema cartesiano**. São Paulo: Loyola, 1992.

PASCAL, George. **Descartes**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

POPKIN, Richard. **História do ceticismo de Erasmo a Spinoza**. Tradução Danilo Marcondes de Souza Filho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000.

SILVA, Franklin Leopoldo e. **Descartes: a metafísica da modernidade**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 1994.

SMITH, Plínio Junqueira. **Ceticismo filosófico**. São Paulo: EPU, 2000.

* * *

GONÇALVES, Angela. A influência do ceticismo na criação do método cartesiano. **Kalagatos**, Fortaleza, v.13, n.26, 2016, p.45-53.



Direitos autorais 2016 © Autor, com identificação do direito de primeira publicação da Revista Kalagatos.

Recebido em: julho de 2016.
Aprovado em: dezembro de 2016.

